



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A ATUAÇÃO SALESIANA EM MATO GROSSO NO FINAL DO
SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX**

Alexandra Lourenço*

Este artigo pretende contribuir para a compreensão das práticas e representações presentes na construção de um projeto “educacional” salesiano para Mato Grosso, no contexto de modernização do primeiro período republicano. Considerando a fundação das escolas e da Missão salesiana, como parte do projeto civilizatório, a medida em que, se constituíram em resposta às necessidades de educar pelo e para o trabalho. Acreditamos que este projeto civilizatório dos salesianos, e os objetivos que deveria cumprir, podem ser vistos como um ramo das mesmas práticas e representações, que guiaram os sonhos de progresso e civilização para a região, diria mesmo, que ele pode ser pensado como tendo sido gestado, no sonho de progresso para o sertão, ao mesmo tempo que se constitui em ferramenta para sua realização. Assim, buscamos apresentar e discutir algumas das representações que envolveram a instalação do projeto salesiano de educação em Mato Grosso ao final do século XIX e início do XX. Identificar as relações que se estabeleceram entre práticas e representações, e a problemática da construção, em Mato Grosso, de uma sociedade moderna e civilizada, tal como se apresentava nos discursos das autoridades mato-grossenses.

História Cultural

* UNICENTRO-Irati. alels1@hotmail.com

A literatura regional especializada, sobre o processo de produção do espaço mato-grossense, tem salientado a importância das representações de “sertão e fronteira”, na trajetória da ocupação desta parte do Brasil, constituindo um imaginário geográfico sobre a região (GALETTI, 1994). Dentre estas representações, pudemos perceber a necessidade de se contrapor à imagem de barbárie, associada às populações e ao território mato-grossense. É nesse contexto que acreditamos ter sido importante a contribuição salesiana. As representações sobre atrasado e moderno, desenvolvido e subdesenvolvido, marcaram a história de Mato Grosso, e interferiram diretamente na ocupação e colonização do estado. Se partimos da premissa, que os espaços sociais possuem em sua construção uma dimensão subjetiva, ou seja, as ideologias e as representações sobre o espaço, são elementos essenciais a compreensão do seu processo de construção, podemos então, observar que estas se constituem em uma leitura do mundo que orienta as ações, algo parecido com o que Émile Durkheim consideraria uma representação coletiva, ou ainda na visão de Roger Chartier (1988), onde as representações coletivas, são tanto a origem, como o efeito das práticas que constroem o mundo social. Portanto, compreendemos que qualquer prática, tem por orientação uma determinada forma de pensar, de representar, e nesse sentido, é que defendemos a perspectiva de que a compreensão da vinda dos salesianos para o Mato Grosso, precisa ser analisada no contexto das representações, sobre estas terras e sua população.

O TRABALHO INICIAL NA EUROPA

A história da Sociedade São Francisco de Sales, fundada pelo padre João Bosco, em 1859, no norte da Itália, e mais tarde denominada de Congregação Salesiana, inscreve-se no contexto de emergência da sociedade industrial na Europa, e sua fundação pode ser vista como uma das respostas da Igreja Católica às transformações sócio-políticas, econômicas e culturais que afetaram a sociedade ocidental ao longo do século XIX. O trabalho da Ordem criada por D. Bosco, se desenvolveu dentro deste contexto europeu, ligado às transformações que iam constituindo a “moderna” sociedade europeia, ensinavam para o trabalho e pelo trabalho. O próprio público a que se destinava, foi gestado na revolução industrial, pois se tratava justamente dos jovens pobres que tinham dificuldades para sobreviver em uma Europa de crescente desemprego. “Modernos”¹

¹ Era o controle do tempo e dos corpos através da vigilância.

também, eram os procedimentos adotados pelos salesianos, que cedo substituíram os antigos castigos corporais pela vigilância, realizada por meio da presença constante dos religiosos entre os jovens.

No entanto, inicialmente voltada apenas para a educação destes jovens, e crianças pobres da região italiana do Piemonte, a congregação de Dom Bosco, por sua iniciativa, começa a obra das Missões Salesianas em 1875, ampliando a sua ação, para envolver-se com o projeto de empreender uma cruzada de evangelização e civilização, fora dos limites europeus. Em pouco tempo, os salesianos iriam expandir seu trabalho para além destes limites, enviando seus missionários para a América, não raro em resposta a convites dos dirigentes locais. Ao mesmo tempo em que, atendiam às necessidades da própria Igreja católica de recuperar no chamado Novo Mundo, através da catequese, o que havia perdido no velho mundo depois da Reforma. É importante destacar, que a perspectiva de empreender a missão civilizadora através do mundo não europeu, esse Outro geográfico, que deveria ser transformado à imagem e semelhança da Europa, fez parte da ideologia de expansão imperialista do final do século XIX e primeiras décadas do XX. Como assinala Galetti, esta expansão ocorreu, “[...] num momento chave de afirmação das nacionalidades, [...] e foi grandemente estimulada pelo nacionalismo, como ideologia justificadora e impulsionadora da conquista e dominação de outros espaços e povos” (GALETTI, 2000, p. 23). E portanto, neste cenário “[...] a missão civilizadora era, uma tarefa em que estavam em jogo o poder e a glória de países que se imaginavam como nações já constituídas, unificadas por uma língua, uma história e tradições comuns que atestavam a singularidade de seu povo” (GALETTI, 2000, p. 23).

Sem dúvida, o projeto expansionista dos salesianos, embora respondesse à interesses e necessidades da Igreja Católica, estava inserido em um sonho colonizador mais amplo, representado pela missão civilizadora preconizada pelos países imperialistas. Missão esta que encontra eco dentro da igreja católica (bem como nas protestantes), mesmo naqueles países europeus que, como a Itália, não acompanhavam, no mesmo ritmo, as políticas colonialistas desenvolvidas pelos países mais industrializados do continente.

A CONQUISTA DO “OUTRO GEOGRÁFICO”

Foi assim que, em 1875, orientados pelas representações sobre o continente americano, mais precisamente sobre o Brasil, como um local ensolarado e repleto de tribos selvagens carentes de civilização, teve início o trabalho das missões, quando a Congregação Salesiana fundou uma inspetoria para organizar sua ação na América Latina. Em 1881, esta inspetoria foi dividida em duas, confiando-se a casa do Uruguai ao Bispo Dom Luís Lasagna, que também, deveria se encarregar das obras no Brasil, país que os salesianos viam como uma grande possibilidade para sua expansão. Para a ordem de D. Bosco:

O Brasil, o imenso império do Brasil é o campo glorioso de trabalho que a divina Providência oferece [...] aos filhos de São Francisco de Sales [...] enquanto nossos irmãos irão à conquista das gélidas praias da Patagônia, nós, sob os raios do sol tropical, subiremos rios e deixando para trás o Uruguai, a República Argentina, o Paraguai, adentraremos as províncias mais internas à conquista de numerosas tribos selvagens. (CORAZZA, 1995, p. 21)

Em 1894, quando os primeiros padres salesianos chegaram a Mato Grosso, a imagem mais forte deste estado da federação brasileira, era a de um lugar atrasado e incivilizado. Galetti (2000), que estudou as representações sobre a região mato-grossense produzidas entre meados do século XIX e início do XX, tendo como referência obras de viajantes estrangeiros e nacionais, mostra que eles reafirmam, apesar de suas diferenças, a ideia de uma região remota, um grande sertão rico, mas, ainda quase vazio, com grande parte de seu território habitado por povos indígenas selvagens, e uma população não indígena quase bárbara, atrasada, preguiçosa e incivilizada. Tratava-se, enfim, de um espaço de fronteira² entre barbárie e civilização e, como tal, deveria ser objeto de ações e empreendimentos voltados para a sua colonização, modernização e progresso, visando colocá-lo num patamar mais alto de civilização. Um resumo destas imagens pode ser visto no relatório de um presidente da província de Mato Grosso, escrito em 1878:

Na vastidão do seu território, cheio de imensos desertos, coberto de virgens florestas, onde até hoje o homem civilizado ainda não penetrou,

² As noções de sertões e fronteira foram centrais nos discursos que tiveram como objeto a província/estado de Mato Grosso e se constituíram em conceitos fundamentais para compreender esta parte do Brasil. O conceito de fronteira será pensado, neste estudo, segundo os significados que ora designam regiões limites entre natureza e cultura, civilização e barbárie ora definem os marcos simbólicos de uma alteridade entre selvagens e civilizados e entre soberanias distintas. Esta definição também foi utilizada nos estudos de Galetti.

a população rareia tanto que está quase na razão de um habitante por légua quadrada! Sem braços que fertilizem o solo, aliás capaz de conter comodamente mais de cem milhões de habitantes, atentas a suas condições naturais, iguais ou superiores aos mais fecundos países da Europa; como poderão ser aproveitadas as inumeráveis e inexauríveis fontes de riqueza que aqui existem e que enchem de admiração os estrangeiros que as contemplam?! A colonização, pois, será o maravilhoso condão que um dia transformará esta terra esquecida do mundo civilizado num dos torrões mais opulentos do globo. Mas como atrair as correntes de emigração quando a distância, a falta de segurança para os colonos, entre tantas hordas de índios bravios, apresentam-se como barreiras invencíveis para trazê-los até aqui? [...] O que cumprenos [...] é remover primeiro os obstáculos que se antepõem. Suprima-se à distância, catequize-se o selvagem menos bravio, e afugente-se o mais indomável, se tanto for preciso, e a colonização espontânea, única profícua, virá com seus braços e capitais transformar esta terra ainda de desterro num Éden do Brasil. (PEDROSA, 1878, p. 34-35)

Em 1913, essa visão sobre Mato Grosso ainda prevalecia, como se nada houvesse mudado nesses trinta e cinco anos. A propaganda sobre o Brasil, publicada naquele ano, retratava Mato Grosso como um estado em que o progresso ainda não chegara, como uma região ainda virgem e primitiva, pois “[...] *seus recursos são numerosos mas estão todos no abandono. Tem sido encontrado [...] ouro, diamantes, outros minerais, mas nenhuma dessas riquezas está, por assim dizer, explorada*” (Apud GALETTI, 2000, p. 3). E continuava a pintar o quadro no qual Mato Grosso, ainda que, possuidor de muitos recursos, não estava sintonizado com o progresso. “*As suas florestas abundam em valiosas madeiras, mas aguardam quem delas tire vantagens. Inúmeros frutos produz o seu solo, mas caem de maduros, sem serem aproveitados. É ainda uma terra em que a natureza mantém o seu domínio, terra que não conhece a mão do homem*” (Apud GALETTI, 2000, p. 3)

Nesta perspectiva a vinda dos salesianos para Mato Grosso, estado com imensa população indígena, inscreve-se nesse contexto mais amplo, e seus empreendimentos ocuparão um lugar destacado, no projeto de trazer o progresso e a civilização para a região. Um projeto no qual, a “fórmula civilizadora” preconizada pelos viajantes estrangeiros, e pelas elites políticas e intelectual brasileira, apontava para a colonização e o povoamento, com a vinda de imigrantes europeus para preencher o “vazio” demográfico da região, e a implantação de meios modernos de comunicação. No caso das elites nacionais, sobretudo após a abolição da escravatura, em meio às exigências da transição para o trabalho livre, esse projeto incluía também, a necessidade de educar as populações locais para o trabalho, como forma de vencer a sua indolência e arrancá-las da barbárie,

submetendo-as às novas exigências econômicas. E isto servia tanto para os indígenas que deveriam ser civilizados, fosse através da religião ou de procedimentos laicos, quanto para as populações não indígenas, que eram vistas como inferiores, e quase tão bárbaras, quanto as indígenas (GALETTI, 2000).

As elites mato-grossenses, do final do XIX e início do XX, embora com restrições que diziam respeito à sua própria imagem, comungaram das representações que projetavam Mato Grosso como lugar bárbaro e incivilizado, e adotaram plenamente aquela fórmula civilizadora. Para elas, a presença das sociedades indígenas, que ocupavam grande parte das terras do estado, e as populações mestiças pobres, eram elementos que impossibilitavam o progresso da região, e por isso, clamavam por empreendimentos que viessem a modificar essa situação. Estas populações eram vistas, em grande parte, como responsável pelo atraso e a pobreza de Mato Grosso, como se pode observar em uma passagem de um relatório do governador do estado, durante o período republicano. Segundo ele: *“Eis [...] uma das razões porque, sendo `naturalmente ricos`, devemos reconhecer que somos economicamente pobres`. [...] Seremos sempre fracos e pobres enquanto a provisão humana da nossa terra, isto é, a população for essa que aí vive essa vida descuidada do futuro”* (Apud GALETTI, 2000, p. 256). A fraqueza moral dessa população incivilizada, era também discutida pela imprensa local, que enfatizava em suas publicações a preocupação com o progresso do estado.

O que atualmente testemunhamos contristados é o enfezamento de uma descendência de bandeirantes audazes que à falta de entrosamento com outras correntes étnicas e por outros conhecidos quocientes vai-se incapacitando para vencer este deserto em que nos insularam os seus primitivos descobridores. [...] Salvo pouquíssimas exceções [...] o cerne da nossa raça é falho da instrução geral de nossa época [...] e incapaz de trazer a nossa terra os elementos de progresso material que precisamos, jazendo a agricultura, a pecuária e outras indústrias nos processos do homem primitivo [...]. Ao demais, a falta de educação moral e cívica de nossa gente [...] determina o lento povoamento do nosso solo com agrupamentos de vida social tão dispares da época [...] que realmente torna-se ingente [...] chamá-los ao grêmio da civilização. (O Mato Grosso 13-04-1919 Apud GALETTI, 2000, p.257)

Na realidade, a elite intelectual e política local, vinha há tempos lidando com as imagens que estrangeiros e os outros brasileiros faziam destes sertões, considerado como local de exuberante natureza, mas selvagem e de povo preguiçoso. Essa visão em nada favorecia a atração de braços e investimentos estrangeiros, e colocava a elite local na busca por solucionar o problema. Todavia, se de um lado as elites locais, sobretudo a elite

letrada, sentiam-se atingida pela imagem de barbárie que se fazia de Mato Grosso, por outro, desenvolviam o “esforço” de trazer o progresso e civilizar a sua terra natal, buscando mudar esta imagem (Cf. GALETTI, 2000; MACIEL, 1992).

De fato, a presença das inúmeras sociedades indígenas em vastas porções do território mato-grossense, conferia uma importância decisiva à ação evangelizadora e civilizadora dos salesianos. É importante frisar que a presença destas sociedades, constituiu-se em um dos aspectos mais importantes na caracterização desse território, como um espaço onde reinava a barbárie. A esta presença, se imputava em grande parte o atraso da região e sua marcha retardada no rumo do progresso e da civilização. Para as elites dirigentes e intelectuais de Mato Grosso, para os grandes proprietários locais e mesmo, para uma parte da população não indígena, a presença dos índios, mais que “macular” a imagem da região, era um problema concreto que precisava de respostas urgentes e efetivas, *“pois era tida como um poderoso obstáculo à colonização do território mato-grossense, ao seu progresso econômico, já que impediam uma exploração mais intensiva e extensiva de suas tão decantadas riquezas”* (GALETTI, 2000, p.107). No período republicano, o governador do estado Manoel José Moutinho, expressou sua opinião sobre o assunto:

A catequese e a civilização dos nossos indígenas continuam a ser uma das mais sérias preocupações do governo, interessado como deve ser no aproveitamento de tantos braços ociosos, e que, bem empregados, poderão concorrer para a produção da riqueza econômica do Estado. (Manoel José Moutinho. Mensagem à Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 13 de maio de 1893)

Nesse quadro, a vinda dos salesianos para Mato Grosso, revestia-se de grande expectativa e, tanto para as elites proprietárias e dirigentes, quanto para a cúpula da Igreja Católica, sua ação era considerada como decisiva na resolução do “problema indígena”. Quanto aos próprios salesianos, podemos presumir³ que compartilhavam das imagens mais recorrentes sobre a região mato-grossense, considerando-a como lugar selvagem, onde reinava a barbárie indígena e a indolência das populações mestiças, obstáculo ao progresso material e espiritual da região. Contudo, como veremos mais adiante, a ação desses religiosos não se limitou à catequese dos indígenas.

³ Esta observação foi construída com base no texto das cartas escritas por Dom Lasagna destinada a convencer Roma da importância do trabalho salesiano em Mato Grosso. Cf: CORAZZA, 1995.

O TRABALHO EM TERRAS MATO-GROSSENSES

Chegando a Cuiabá no ano de 1894, os salesianos instalaram a obra que é um traço característico da congregação, o Oratório⁴, o qual rapidamente estava repleto de meninos e de olhos curiosos de representantes do governo. Estas visitas oficiais, foram fundamentais para o estabelecimento da Missão em Mato Grosso, pois foram momentos de diálogo entre a Igreja e aquele que seria seu futuro aliado, o Estado, na tarefa de instalar escolas e garantir a civilização dos “incultos” e “selvagens” desta terra. O dueto, Estado Igreja, também pode ser observado na fundação do Liceu de Artes e Ofícios São Gonçalo em 1896, pois, para a compra de uma chácara situada à margem esquerda do córrego da Prainha, próxima a Igreja São Gonçalo, os salesianos contaram com um auxílio do governo do estado. A partir de 1897, passou a funcionar, anexo ao Lyceo, o Oratório festivo. Neste mesmo ano foi aberto o "Oratório Santo Antônio" nas proximidades do Coxipó da Ponte, que mais tarde se transformaria na Escola Agrícola. A crença na eficiência Salesiana em domar o indomável, atingiu não apenas o governo do estado, mas até mesmo outros setores desta sociedade investiram nessa “ajuda”.

No intuito de explorar as riquezas do norte do estado de Mato Grosso, o Banco Rio Mato Grosso planejou organizar uma expedição até as regiões do Juruema e Alto Tapajós. Sabendo-se da existência de várias tribos, no ensejo de encerrar pacíficas relações com os índios a diretoria do Banco decidiu confiar a expedição aos Salesianos de Cuiabá. (CORAZZA, 1995, p. 50)

Em 1908, dezesseis anos depois da chegada da Congregação em Mato Grosso, já haviam conseguido responder a alguns dos desafios que lhe haviam sido colocados, tanto pelos dirigentes mato-grossenses, quanto pelo próprio projeto civilizador da Ordem de D. Bosco.⁵ Para as elites dirigentes e intelectuais de Mato Grosso, essas realizações

⁴ O oratório funciona como um espaço destinado aos jovens carentes, onde estes praticam jogos, esportes participam de brincadeiras e são aos poucos evangelizados. Esta forma de trabalho ocorre em alguns dias da semana, preferencialmente nos Domingos e os seus frequentadores não possuem vínculo com a instituição, eles podem ir e vir quando desejarem. Foi a primeira forma adotada por D. Bosco para se aproximar dos jovens.

⁵ Podemos observar as realizações do projeto salesiano até o ano de 1908, por eles mesmos resumidos na obra “Missões Salesianas em Mato Grosso 1894-1908”: Em Cuyabá : 1) Lyceu de Artes e Officios, equiparado ao Gymnasio Nacional. Com duas seções distintas, a de Estudantes (curso Gymnasial, em 6 anos, e de adaptação, em 3 anos), e a de aprendizes das Escolas profissionais de Typografia, Encadernação, Alfaiataria, Sapataria, Carpintaria, Cortume, Funileiros, Serralheria, Pintura e Pedreiros. Freqüência média dos alumnos- 250. Anexos e dependências: a) Obsevatorio meteorológico, b) oratorios festivos frenquentados por diversas centenas de alumnos; c) associação de S. Luiz de Gonzada, de que fazem parte effectiva a maioria dos es-alumnos do Lyceo; d) aulas nocturnas de ensino gratuito para operários; e) capellarias, missões catequéticas nas fazendas e povoados; f) auxílios

desempenharam um papel fundamental, não só como expressão das práticas civilizadoras de que o estado necessitava para caminhar rumo ao progresso, mas também, como elemento chave nas representações voltadas para alterar a imagem de barbárie que pesava sobre o estado, e que era vista como obstáculo à entrada de imigrantes e investimentos de capitais. Um dos veículos mais importantes, no que diz respeito a essas representações, foram as Exposições Nacionais e Internacionais, consideradas uma verdadeira festa da modernidade. Nelas, apresentavam-se os avanços técnico-científicos, a produção agroindustrial e as peculiaridades de cada país, estas exposições transformavam-se em verdadeiras vitrines do processo de modernização em curso. Na realidade, estas exposições impregnavam o imaginário de seus participantes, auxiliando na formação de uma consciência coletiva frente ao movimento modernizador e ao tão sonhado progresso (Cf. HARDMAN, 1988; MACIEL, 1992; GALETTI, 2000).

Mato Grosso participou de algumas dessas exposições, atingindo seu auge em 1908 na Exposição Nacional, realizada em comemoração ao centenário de abertura dos portos nacionais ao comércio internacional, no Rio de Janeiro, quando, além de seus abundantes recursos naturais, exibiu outros sinais de seu progresso. Superar a imagem de terra da barbárie, era a meta dos organizadores mato-grossenses nestas exposições. Por isso, ao lado dos minerais, plantas medicinais, erva-mate, borracha, algodão, cacau, café e derivados da indústria pastoril, interessava-lhes exibir os sinais de sua integração ao conjunto da nação: assim, além dos institutos de educação e a formação profissional e agrícola, era importante salientar a ação civilizadora frente aos, até pouco tempo, incultos filhos da Pátria - os índios. (Catálogo dos produtos enviados pelo Estado do Mato Grosso para Exposição Nacional de 1908). Este tema coube aos salesianos que já há mais de dez

parachias às obras diocesanas. 2) Oratório S. Antonio, no Coxipó, grande chácara destinada para um centro agrícola de futuro. Atualmente allí funcionam um pequeno externato, noviciado e cursos de philosophia, theologia e pedagogia. Em Corumbá – 1) Collegio Santa Thereza, internato e externato, curso elementar (do Estado) e commercial. Tem uma frequência média de 150 alumnos, numero que de muito accresce aos domingos e dias de feriados, com as aulas catecheticas, de character eminentemente popular. 2) incipientes Escolas profissionaes e aulas nocturnas. 3) Missões, Caoellianas e auxilios parochiais ás obras diocesanas. Nas Colônias – 1) do Sagrado Coração de Jesus, no rio Barreiro – O serviço da cathese – em toda a extensão do termo – desde a cata do selvagem nos seus mais distantes aldeamentos até a escola, desde a Igreja até o amanho das terras. Esta colônia abrange: 35 casas e ranchos, 2 escolas, 1 capella, incipientes officinas de ferreiro e carpinteiro, de cortume, diversos teares, etc. Hatualmente nella residem para mais de 300 boróros. 2) da Imaculada Conceição, no rio das Garças – O mesmo serviço que anterior, porém menos numeroso em vista da recente data de sua fundação e habitação. 3) das Palmeiras ainda não habitada por índios, devido á falta de recursos. 4) do sangradouro, com grandes terrenos, pastagens e mattas. Patrimônio actual das outras colônias, foi adquirido com fito de, retalhada em lotes, ser repartida aos índios que melhor se portarem durante a catechese e ponto de contacto entre os dois primeiros centros e a capital do Estado. (P.16-17)

anos atuavam nas diversas frentes de ensino no estado. Assim, ao lado dos produtos confeccionados pelos alunos de suas escolas, seja do Liceu São Gonçalo, da Escola Agrícola Santo Antônio ou das escolas das Colônias Indígenas, a Missão Salesiana do Mato Grosso, levou o resultado da ação catequética e civilizadora destes poucos anos de sua chegada ao estado, para ser apresentado à Nação. Mais do que artefatos e objetos, os padres levaram o próprio índio para ser exposto, agora catequizado e instruído, apto a ser integrado à pátria.

Outro instrumento de propaganda que deu destaque aos salesianos foi o Álbum Gráfico de Mato Grosso publicado em 1914 com mais de 400 páginas, promovendo o estado, falando de suas riquezas e também do seu desenvolvimento. Buscava-se demonstrar que Mato Grosso não era o lugar da barbárie. Promover a obra dos salesianos possuía seu valor porque divulgava uma imagem na qual os índios já estavam sendo domesticados, as classes populares formadas para o trabalho e as elites poderiam se preparar em um agradável lyceu. O Álbum dedicou oito páginas para demonstrar o trabalho dos salesianos em Mato Grosso. Ricas em material iconográfico podemos perceber que a principal intenção era popularizar a figura indígena, agora civilizada e apta ao trabalho. Uma foto ilustrativa sobre isso é a de uma menina indígena em uma máquina de fiar, era o selvagem domado e pronto para o mundo moderno. Outras fotos apresentavam as oficinas do lyceu em variados ofícios, não faltou também a Escola Agrícola do Coxipó da Ponte, que se apresentava como casa quase exclusiva dos Bororos que vinham aprender as modernas técnicas agrícolas. Como podemos perceber a Missão Salesiana teve um papel central nas práticas e representações destinadas a impulsionar o processo de modernização em Mato Grosso. Seja disciplinando a mão de obra, construindo assim um “hábito” para o trabalho, ou formando os filhos das elites locais, estas instituições educacionais e religiosas, foram sem dúvida os braços amigos do Estado moderno em Mato Grosso, possibilitando-lhe realizar a educação que as instituições públicas do estado não poderiam atender satisfatoriamente.

A AÇÃO CIVILIZADORA, A VADIAGEM E A CRIMINALIDADE

Os salesianos se apresentavam como solução. A ampla repercussão das atividades da Ordem contribuiu para a imagem do estado enquanto lugar menos primitivo

e selvagem. Além de “domesticar” o elemento selvagem, era também fundamental eliminar aquele que era considerado o principal “mal do século: a vadiagem.

O projeto salesiano oferecia essa oportunidade considerando o trabalho como peça fundamental do processo educacional. De fato, esta compreensão da educação como promotora da disciplina e condição para o progresso, representou uma característica do ideário moderno, que encontrou canais privilegiados para sua difusão nos programas liberais e positivistas no Brasil, dos primeiros anos de República. Podemos observar o discurso sobre as bases prodigiosas da escola, assim como o atendimento prestado aos jovens pobres e indígenas, na redação do Álbum Graphico do Estado de Mato Grosso publicado em 1914. O anúncio dizia:

Fundada há três anos pela mesma Missão Salesiana a Escola Agrícola S. Antonio do Coxipó da ponte, a poucos quilômetros de Cuiabá destina-se ao ensino theorico prático da agricultura moderna à rapazes pobres que são atualmente 21 internos, entre os quase 15 jovens índios bororos. Esta escola está situada a margem esquerda do aprazível rio Coxipó, e além do antigo prédio provisório, poço o novo definitivo, já em adiantada construção, um interessantíssimo museu de variados produtos e artefatos (tecidos chapéus, escovas, vinhos, etc.) das colônias indígenas e finalmente um campo de 28. 350 metros quadrados, caprichosamente arado e cultivado. (ALBUM GRAPHICO, 1914, p.28)

Formar um povo disciplinado para o trabalho, espiritualmente e fisicamente sadio era uma necessidade premente para o início do XX, sobretudo nesta região em que o selvagem e o civilizado conviviam, buscando "harmonizar-se para conquistar o tão sonhado progresso". Então a opção que melhor parecia ter se ajustado à necessidade, era o método trazido pelos salesianos (método preventivo), que se ajustou perfeitamente às necessidades da disciplina moderna, pois sem recurso a violência ou a coerção física, a vigilância tornou-se funcional e eficaz pela onipresença hierarquizada. A escola Salesiana contribuiria na produção e constituição históricas do sujeito moderno.

CONCLUSÃO

Foi para completar o quadro das escolas salesianas e conseguir atender aos anseios daqueles que desejavam o progresso, que a Escola Agrícola Patronato Santo Antônio nasceu. Na busca de formular um projeto que englobasse um público tão heterogêneo, surgiu o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios, oferecendo ensino em três

níveis e que, portanto, atenderia desde os filhos ilustres da elite, até os jovens aprendizes de ofícios, com formação geral humanística e preparatória para o curso superior, formação técnica, e aprendizado de trabalhos manuais.

As Missões deveriam catequizar os índios e ensinar, via escolas nas colônias, um ofício e acima de tudo o amor ao trabalho. Os indígenas, pregavam os salesianos, deveriam sair do estágio primitivo de trabalho, para viver e começar a viver para trabalhar. A consciência coletiva gestada através da educação salesiana de Dom Bosco, servia de pilar para o ordenamento da sociedade e o desenvolvimento no rumo do progresso.

Os salesianos se compreendiam como desbravadores e benfeitores, pois, ainda que tirassem a liberdade destes meninos (quando os retirava de suas aldeias e famílias e os colocavam em regime interno sob vigilância constante), lhes estariam dando em troca a possibilidade da sobrevivência terrena, e a conquista da vida eterna, isso justificava plenamente sua ação, aliados do Estado disciplinaram jovens índios, órfãos, menores carentes, e paralelo ao crescimento destes, que formavam os braços e pernas para construção do estado de Mato Grosso, também cresceu a instituição, como não poderia ser diferente, afinal era a “retribuição” que estes salesianos “mereciam” e esperavam, o trabalho incondicional dos jovens a quem eles “davam tanto”. Para o Estado, o casamento foi perfeito, não recaiu somente sobre seus ombros o “fardo”⁶ de conseguir proporcionar educação a “todos” deste sertão e atender aos apelos da elite local, por uma nova imagem sobre sua população.

Concluindo, o projeto salesiano de civilização para Mato Grosso, atendeu ao apelo do progresso modernista sonhado pelas elites locais, assim como a defasagem vivida pelo estado, para proporcionar educação a sociedade mato-grossense. A catequese indígena, motivo primeiro pelo qual os salesianos foram convidados, posteriormente foi ampliada, constituindo-se de internatos para os filhos dos índios, dos agricultores, dos fazendeiros, dos comerciantes, dos dirigentes locais. O Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo, as Colônias Indígenas e a Escola Agrícola Santo Antônio, transitaram nas

⁶ O advento da república em 1889, iria pressionar ainda mais a função do Estado em prover a educação, estendendo-a a uma clientela mais ampla. Rui Barbosa ao propor um projeto de reforma da instrução, ressalta a importância da escola normal e das Artes Aplicadas. Com a Constituição de 1891 se institui o ensino leigo ministrado nos estabelecimentos públicos. Assim, formalmente, com a separação entre o Estado e a Igreja, a educação se tornou função pública.

representações da época como uma solução eficiente de civilização para o sertão mato-grossense, e constituíram-se em práticas concretas na busca de sua realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilberto Luis. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande: UFMS, 1984.

_____. Mato Grosso e a História: 1870-1929 (ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a Hegemonia do capital financeiro). **Boletim Paulista de Geografia**, nº 61, 2º sem. de 1984. São Paulo: 1985

CASTRO, M. Inês M.; GALETTI, Lylia S. G. Histórico dos Usos da Biodiversidade em Mato Grosso. In: CASTRO, Carlos F. de Abreu. **Diagnóstico do Setor Florestal em Mato Grosso**. Brasília: IBAMA-ITTO-FUNATURA, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1988.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CRUDO, Matilde Araki. **Os Aprendizes do arsenal de Guerra de Mato Grosso: Trabalho Infantil e Educação (1842-1899)**. Tese (Doutorado em Educação) da Universidade Federal de Mato grosso. Cuiabá: 1999.

DURKHEIM, Émile. Da Divisão do Trabalho Social. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

FRANCISCO, Adilson José. **Apóstolos do Progresso: A prática educativa salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894 – 1919)**. Dissertação (Mestrado em Educação) da Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá: 1998.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos Confins Da Civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Tese (Doutorado em História) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: Abril de 2000.

_____. **De sertão à fronteira: representações sobre Mato Grosso (sécs. XIX-XX)**. (projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq). Campinas, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma**. A Modernidade na Selva. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: 1988.

MACIEL, Laura Antunes. **A Capital de Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1992.

MARCILIO, Humberto. **História do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: Secretaria de Educação, Cultura e Saúde do estado, 1963.

NEUVALD Luciene. “**A Maior Dádiva do Estado Novo a Mato grosso**”? O Aprendizado Agrícola Gustavo Dutra no período Populista (1943-1964). Dissertação apresentada ao Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato grosso. Cuiabá: 1997.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. COSTA. L. A e CARVALHO, C. M. C. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. Editora Guaicurus, Cuiabá: 1990.

_____. **Luzes e Sombras**. Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso (1870-1889). Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 1999.

VOLPATO, Luiza. **Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. SÃO Paulo, Marco Zero/Cuiabá: Edufmt, 1993.

Fontes impressas

AYALA, Cardoso; SIMON, Feliciano. **Álbum Graphico de Matto-Grosso** (EEUU do Brasil). Corumbá; Hamburgo: Ayalas & Simon Editores, 1914.

CATÁLOGO dos produtos enviados pelo estado de mato grosso para a exposição nacional de 1908. Estabelecimento Avelino Siqueira, Cuiabá, 1908.

CORAZZA, Pe. José. **Esboço Histórico da Missão Salesiana de mato Grosso**. Campo Grande: 1995.

LIVRO de Impressões Lavradas pelos Visitantes do Liceu Salesiano São Gonçalo (1899-1922), 7/4/1900, Cuiabá, ACSG.

MISSÕES Salesianas em Mato Grosso 1894-1908. Rio de Janeiro: s/e, Introdução de Helvecio Oliveira, 1908.

MOUTINHO, Manoel José. **Mensagem à Assembleia Legislativa de Mato Grosso**. 13 de maio de 1893.

PEDROSA, João José. **Relatório apresentado pelo Presidente da Província de Mato Grosso, João José Pedrosa à Assembleia Legislativa Provincial**. Cuiabá, 1º/11/1878, p. 34-35.